

CONTRAPOSIÇÃO OPRESSOR E OPRIMIDO NA PRÁXIS EDUCATIVA DE PAULO FREIRE: BREVES REFLEXÕES

Opressive and oppressed opposition in Paulo Freire's educational practice: brief reflections

Alessandra Nascimento Braga - UFPA*

Aline Nascimento Braga - UFPA**

Lélio Favacho Braga - SEEPA***

Maria Gilvania Da Silva Alves - UFPA****

Resumo: Este artigo possui como objetivo primordial refletir ideias elementares da contraposição opressor e oprimido no pensamento de Paulo Freire. Para uma melhor compreensão da presente abordagem, se expõe um sucinto apanhado sobre a trajetória intelectual do autor. Discorre-se sobre os conceitos de oprimido, opressor e os elementos conceituais que descambam na ação da criticidade, observando a concepção de interculturalidade e invasão cultural em Freire. O oprimido consistiria nos pobres e marginalizados – os excluídos naquilo que se entende como grupos sociais, desfavorecidos pelo individualismo de outros; o opressor consistiria na(s) força(s) detentora(s) do poder em relação ao "outro". Nas reflexões finais, se percebe, no pensamento de Freire, que o indivíduo emancipado cria e recria sua história aprendendo a ser arquiteto de suas ações, entre outros, ajudado pelo processo formativo. Adotou-se como procedimento metodológico a pesquisa qualitativa, trazendo como fundamentação uma análise e discussão crítica e argumentativa dos elementos acima mencionados.

Palavras-chave: Paulo Freire. Práxis educativa. Contraposição opressor e oprimido.

Abstract: This article has as its primary objective to reflect elementary ideas of oppressive and oppressed opposition in Paulo Freire thought. For a better understanding of this approach, a succinct approach is exposed to the author's intellectual trajectory. It discusses the concepts of oppressed, oppressor and conceptual elements that fall apart in the action of criticality, observing the conception of interculturality and cultural invasion in Freire. The oppressed would consist of the poor and marginalized – the excluded in what is understood as social groups, disadvantaged by the individualism of others; the oppressor would consist of the force(s) holding power in relation to the "other". In the final reflections, it is perceived that the emancipated individual creates and recreates his own history via the formative process in Freire's thought. Qualitative research was adopted as a methodological procedure, bringing as a foundation a critical and argumentative analysis and discussion of the elements mentioned above.

Keywords: Paulo Freire. Educational praxis. Oppressive and oppressed opposition.

INTRODUÇÃO

O pensamento de Paulo Freire deixa claro e distinto que a vinculação entre opressor e oprimido tem como motivo a estrutura hegemônica que trabalha para se perpetuar e permanecer da mesma forma. "Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão" (FREIRE, 2003, p. 29). É pertinente o seguinte questionamento o qual se faz de acordo com o autor: qual o motivo de haver a situação opressora? Seria fácil compreender que a vinculação opressores e oprimidos produz maneiras que impedem a inversão dessa situação.

* Professora Doutora, Universidade Federal do Pará, Instituto de Estudos Costeiros. E-mail: alessandrabg@ufpa.br

** Mestra em Docência em Educação em Ciências e Matemática na Universidade Federal do Pará. E-mail: alinensbraga@gmail.com

*** Professor Doutor, Secretaria de Estado de Educação do Pará. E-mail: leliofavacho@gmail.com

**** Especialista em Filosofia da Educação pela Universidade Federal do Pará. E-mail: a.gilvania46@gmail.com



Então, de que maneira o oprimido pode se libertar da adstração fundamentada em opiniões e conteúdo advindos da ideologia opressora? "o opressor, para oprimir, precisa de uma teoria da ação opressora, os oprimidos, para se libertarem, igualmente necessitam de uma teoria de sua ação. O opressor elabora a teoria de sua ação necessariamente sem o povo, pois que é contra ele" (FREIRE, 2003, p. 107). Excelente questão num tempo o qual a sociedade consiste na sociedade do consumo onde reina o terno comprar do capitalismo em detrimento da libertação em relação a esse modo opressor de dominação elitista e alienante. Aliás, ambos: opressor e oprimido precisam ser libertados da ideologia da dominação. "Só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos" (FREIRE, 2003, p. 17).

Criada para diminuir ao máximo a dialogicidade, a educação advinda do sistema opressor estabelece modos individualistas que corrobora para o consumo de mercado no qual o ter fala mais alto que a solidariedade, onde o que se percebe ser construído e perpetuado é a opressão dos opressores. Freire faz críticas ao olhar egoísta do opressor percebendo ser uma de suas fortes características, e, assevera ser lastimável a ausência de vontade do oprimido no sentido de desejar transpor o modelo hegemônico o qual, apesar das contrariedades, se adequa ao modelo vigente subsistindo dentro dele.

TRAJETÓRIA INTELECTUAL DE FREIRE

Paulo Reglus Neves Freire nasceu na cidade de Recife (Pernambuco) em 19 de setembro de 1921 e morreu em 02 de maio de 1997 na cidade de São Paulo, deixando com seus estudos um legado grandioso de conhecimentos que referenciam vários estudos acadêmicos no mundo todo. O educador deu início a sua carreira acadêmica na Universidade do Recife em 1943, cursando a faculdade de direito. Entretanto, Freire renunciou a carreira da advocacia, após associar-se ao SESI (serviço social da indústria) do Estado de Pernambuco, o que impulsionou o mesmo a trabalhar com a alfabetização de adultos. O filósofo interessou-se pelo estudo sobre a interação existente entre alunos, pais e professores da região nordestina do Brasil.

Freire doutorou-se em 1959 com a tese intitulada: "Educação e Atualidade Brasileira". Envolvido com a pesquisa em educação, o filósofo desenvolveu um trabalho de alfabetização em parceria com a prefeitura de Recife (Pernambuco) no ano de 1961, o que o levou a ser diretor do Serviço de Extensão da Universidade de Recife. A frente deste cargo, Freire desenvolveu novas formas de alfabetizar. Sua didática foi bastante influenciada pelas práticas das Comunidades Eclesiásticas de Base (CEBs) e por sua proximidade com o bispo de Recife.

Outra cidade privilegiada com o engajamento de Freire com alfabetização foi Angicos, município do Rio Grande do Norte. Em 1962, em Angicos, o educador promoveu a alfabetização de 300 trabalhadores rurais em 45 dias. Os alfabetizadores associados ao projeto de Freire faziam parte da comunidade, e utilizavam no desenvolvimento de sua didática palavras geradoras, conforme o valor fonético e extensão silábica das mesmas, considerando o significado social destas para a região. As palavras geravam temas que eram significativos para os alunos, pois faziam parte da cultura dos mesmos, o que possibilitou promover a conscientização dos alunos como cidadãos e agentes transformadores da sociedade e da política.

O referido programa foi esteado pela Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional – USAID. No ano de 1963, o filósofo recebeu o convite para repensar o Programa de Alfabetização de Adultos em âmbito Nacional, chamado de Movimento de Educação de Base pelo então Presidente do Brasil João Goulart e pelo Ministro da Educação Paulo de Tarso. A previsão seria de criar 2 milhões de trabalhadores alfabetizados por meio de 20 mil círculos de cultura, todavia, não se concretizou pelo fato de ter ocorrido o golpe militar de 1964, que tirou o governo de João Goulart, democraticamente eleito. Nesse envolvimento histórico ocorrido no Brasil, Freire foi considerado *subversivo internacional e traidor dos brasileiros* devido o seu método de ensino assemelhar-se ao de Perón, Stálin, Mussolini e Hitler.

Freire passou 16 longos anos no exílio, período marcado por ser ao mesmo tempo produtivo e tumultuado. Viveu cinco anos no Chile fazendo consultoria para a UNESCO trabalhando no Instituto de Capacitação e Investigação em Reforma Agrária. Nesse ínterim dos dezesseis anos em que morou exilado fora do Brasil, trabalhou como nomeado em 1969 para o Centro de Estudos da Educação e Desenvolvimento da Universidade de Harvard nos Estados Unidos da América. Depois foi trabalhar em Genebra (cidade que faz parte da Suíça) em 1970, onde era consultor do Departamento de Educação do Conselho Mundial de Igrejas e constituiu o Instituto de Ação Cultural em Genebra em 1971. Freire criou programas de alfabetização para Guiné-Bissau e para a Tanzânia. Também criou programas de

alfabetização em Moçambique e Angola, depois das revoluções ocorridas nessas ex-colônias portuguesas. O filósofo também colaborou com os governos da Nicarágua e do Peru em frentes de alfabetização. Colaborou em frentes de alfabetização em São Tomé e Príncipe de 1975 a 1979. Para o Brasil, Freire retorna em 1980 trabalhando na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e na Universidade de Campinas, onde lecionava. Mesmo morando no Brasil, prosseguiu colaborando com a ação de alfabetizar em países a fora, como na Austrália, Ilhas Fiji, Itália, entre outras nações pelo mundo.

A compreensão da pedagogia de Freire entra na origem histórica da interculturalidade no Estado Brasileiro, ao dispor cultura e envolvimento ético-político inserindo as parcelas sociais oprimidas no cerne de questionamentos. Neste envolvimento, a percepção da práxis educativa de nosso autor conduz o pensamento do oprimido a ação da criticidade e cidadania transformadora de sua realidade cultural ao ampliar sua percepção de mundo. O Brasil, já nas origens culturais do período colonial mostrava a rejeição dos menos favorecidos, denotado na ausência das grandes massas na administração pública. Não existia o que se entende por povo, mas sim um pensamento hospedeiro da opressão amarrado nas rédeas daquilo que o opressor entendia como justo, injusto, honesto, desonesto, entre outros. Sendo mais frequente a influência do etnocentrismo do velho mundo baseado na supremacia branca – hegemonia europeia.

PERCEPÇÃO DE PRÁXIS EDUCATIVA EM PAULO FREIRE

O entendimento da pedagogia de Freire penetra no início da história da interculturalidade no Brasil, quando dispõe cultura e envolvimento ético-político introduzindo as parcelas sociais oprimidas no centro de questionamentos. Nosso autor compreende que o educador é um ser político e precisa possuir discernimento sobre sua intencionalidade.

Na medida em que o educador é um ser político, ele tem que ter uma relativa clareza, pelo menos com relação à sua opção política, o que vale dizer que ele precisa se perguntar: em favor de quem eu trabalho em Educação, em favor de quê ou, em outras palavras, qual é o meu sonho enquanto educador. Vale perguntar também contra o que eu estou trabalhando, porque eu conheço uma coisa pelo contrário dela, é preciso que eu saiba então como educador com quem eu estou. Qual é minha opção, qual é o meu compromisso (FREIRE, 2013, p. 40).

A percepção da práxis educativa do nosso autor conduz o pensamento do oprimido a ação da criticidade e cidadania transformadora de sua realidade cultural ao ampliar sua percepção de mundo. Vale observar que Freire apela para a consciência de classe e critica fortemente o individualismo. Na Pedagogia do Oprimido, nosso autor faz críticas ao olhar individualista, que considera como sendo própria do opressor. Gadotti (2004, p. 59) assevera que a Pedagogia do Oprimido, confeccionada por Freire no início do exílio (primeiros anos) é “fruto de um trabalho educativo exercido em situações concretas, e não de devaneios intelectuais ou simplesmente da leitura de livros”. Em um de seus estudos, Beisiegel (2010, p. 79) realiza um sucinto, mas claro e distinto resumo dos capítulos de Pedagogia do Oprimido:

O primeiro é dedicado à análise da “contradição opressor-oprimido”. Examina a situação concreta de opressão sob a perspectiva dos opressores e dos oprimidos. Conclui afirmando que “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”. O segundo capítulo, em geral mais lembrado pelos leitores, é dedicado ao estudo das concepções bancária e problematizadora da educação. Conclui as análises observando que “ninguém educa ninguém – ninguém se educa a si mesmo – os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.” O homem é visto como “um ser inconcluso, consciente de sua inconclusão e seu permanente movimento em busca do Ser Mais”. O terceiro capítulo discute a relação entre a dialogicidade (a essência da educação como prática da liberdade) e o diálogo. Examina os temas geradores e o conteúdo programático da educação, trabalha a metodologia dos temas geradores e suas possibilidades conscientizadoras. Finalmente, o quarto capítulo é dedicado ao estudo da antialogicidade e da dialogicidade como matrizes de teorias antagônicas da ação cultural: uma primeira, que serve à opressão e a segunda, comprometida com a libertação.

Medeiros (2013), observa que um dos motivos para Freire escrever Pedagogia do Oprimido consistiu em sua luta em prol da humanização da sociedade. A sociedade estaria passando por um estado de coisificação. No que confirma o autor:

[coisificação] pela qual passa a nossa sociedade, pois, as contradições aí existentes geram uma totalidade desumanizada e desumanizante e, nesse caso, a Pedagogia do Oprimido pode ser entendida como uma Pedagogia Humanista que luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como 'seres para si' (MEDEIROS, 2013, p. 128-129).

Freire lamenta a ausência de percepção e de vontade do oprimido que não deseja se desvencilhar do modelo vigorante, pois deseja continuar a viver dentro deste, asseverando que falta aos oprimidos a razão da opressão. O oprimido não deseja sua libertação em relação ao opressor, porque se identifica com o opressor, pois o homem novo, para ele, consiste nele mesmo oprimindo os seus iguais, num olhar individualista sobre o outro.

A educação autêntica, repetimos não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo. Mundo que impressiona e desafia a uns e a outros, originando visões ou pontos de vista sobre ele. Visões impregnadas de anseios, de dúvidas, de esperanças ou desesperanças que implicam temas significativos, à base dos quais se constituirá o conteúdo programático da educação (FREIRE, 2003, p. 84).

Para que as minorias de sua cultura – a população oprimida “enquanto o outro” não reflita seu *status quo*, a opressão social se liga à opressão cultural, momento em que passa a existir no sistema opressor o condicionamento do outro com a finalidade de evitar a insubordinação contra os dominadores. Segundo Freire (1996, p. 83), “é exemplar a resposta que recebi de mulher sofrida, em São Francisco, Califórnia, numa instituição católica de assistência aos pobres. ‘Você é norte-americana, não é?’ ‘Não. Sou pobre’ [a mulher respondeu], como se estivesse pedindo desculpas à ‘norte-americanidade’ por seu insucesso na vida”.

O que quero repetir, com força, é que nada justifica a minimização dos seres humanos, no caso as maiorias compostas de minorias que não perceberam ainda que juntas seriam a maioria. Nada, o avanço da ciência e/ou da tecnologia, pode legitimar uma “ordem” desordeira em que só as minorias do poder esbanjam e gozam enquanto às maiorias em dificuldades até para sobreviver se diz que a realidade é assim mesmo, que sua fome é uma fatalidade do fim do século. Não junto a minha voz à dos que, falando em paz, pedem aos oprimidos, aos esfarrapados do mundo, a sua resignação. Minha voz tem outra semântica, tem outra música. Falo da resistência, da indignação, da “justa ira” dos traídos e dos enganados. Do seu direito e do seu dever de rebelar-se contra as transgressões éticas de que são vítimas cada vez mais sofridas (FREIRE, 1996, p. 101).

A ideologia do dominador traz com si o alongamento da opressão do oprimido: quando o opressor logra êxito em colocar na cabeça do oprimido a ideia ideológica de inferioridade, o oprimido passa a naturalizar essa percepção. Aqui, instala-se a invasão cultural, quando o oprimido internaliza a superioridade da ideologia dominante em sua mente, posto isso, a invasão cultural está fecundada e concebida na cabeça do oprimido. A invasão cultural consiste num mecanismo da sedução opressora, “neste sentido, a invasão cultural, indiscutivelmente alienante, realizada maciamente ou não, é sempre uma violência ao ser da cultura invadida, que perde sua originalidade ou se vê ameaçado de perdê-la” (FREIRE, 2003, p. 86). Os opressores se impõem enquanto olhar de mundo e, como pastores num rebanho, o resto os seguem.

Finalmente, surpreendemos na teoria da ação antidialógica, uma outra característica fundamental, - a invasão cultural que, como as duas anteriores, serve à conquista. Desrespeitando as potencialidades do ser a que condiciona, a invasão cultural é a penetração que fazem os invasores no contexto cultural dos invadidos, impondo a estes sua visão do mundo, enquanto lhes freiam a criatividade, ao inibirem sua expansão (FREIRE, 2003, p. 86).

Isso provoca a interpretação do *status quo* do dominado pelo prisma do invasor, colaborando para a continuação ideológica do poder vigente.

No fundo esses problemas todos sobre os quais a gente quer discutir – escola, cultura, invasão de cultura, respeito pela cultura –, isso é sobretudo um problema

político e um problema ideológico. Não existe neutralidade em coisa nenhuma; não existe neutralidade na ciência, na tecnologia. A gente precisa estar advertido da natureza política da educação (...). Não há uma escola que seja boa ou ruim em si mesma, enquanto instituição. Mas ao mesmo tempo, não é possível pensar a escola, pensar a educação, fora da relação de poder (...). Na verdade, o educador é um político, é um artista, ele não é só um técnico, que se serve de técnicos, que se serve da ciência. E por isso mesmo ele tem que ter uma opção e essa opção é política, não é puramente pedagógica, porque não existe essa pedagogia pura (FREIRE, 2013, p. 39-40).

A educação pensada por Freire possibilita ao gênero humano, a intervenção como pensamento autônomo capaz de transformar sua realidade, consciente que deve respeitar e compreender o outro. Para Freire, "a promoção da ingenuidade para a criticidade não se dá automaticamente, uma das tarefas precípuas da prática educativo-progressista é exatamente o desenvolvimento da curiosidade crítica, insatisfeita, indócil" (FREIRE, 1996, p. 32). O filósofo projetava o futuro como um sonho de utopias concretizáveis, criticando a malvadez neoliberal.

É nesse sentido que reinsisto em que *formar* é muito mais do que puramente *treinar* o educando no desempenho de destrezas, e por que não dizer também da quase obstinação com que falo de meu interesse por tudo o que diz respeito aos homens e às mulheres, assunto de que saio e a que volto com o gosto de quem a ele se dá pela primeira vez. Daí a crítica permanentemente presente em mim à malvadez neoliberal, ao cinismo de sua ideologia fatalista e a sua recusa inflexível ao sonho e à utopia (FREIRE, 1996, p. 14).

No texto intitulado "Pedagogia da Tolerância", Freire demonstra estar convencido que a esperança e o sonho devem ser insubstituíveis no gênero humano e com o esforço de melhorar sempre. Frente ao discurso da elite dominadora às massas devem ter um posicionamento crítico. A esperança se torna essencial para mudança, pois "na estratégica tu sacodes o teu sonho, o que tu buscas viabilizar. E as táticas são exatamente os caminhos que tu crias andando para viabilizar o sonho" (FREIRE, 2013, p. 47).

A pedagogia de Freire tem a possibilidade de penetrar na multiculturalidade brasileira, ao envolver cultura e ação ético-política, nas mentes dos excluídos socialmente. A melhor ação para encontrar a tolerância cultural estaria no conceito de interculturalidade no pensamento do autor. Para Freire, interculturalidade seria a distinção e 'neuralgia' existentes entre diferentes olhares sobre o mundo, mas também o respeito mútuo entre esses olhares. Nesse bojo, nosso autor, também trás a ideia que compreende a não invasão da cultura alheia, consistindo no respeito às diferenças, respeitando as peculiaridades e costumes daquele que possui outra percepção cultural ao intentar a tolerância e respeito pelo conhecimento que o outro produz, pois não existe cultura superior a outra na dialogia. "Dialogicidade tem que ver não só com a teoria do conhecimento, mas tem que ver com a postura democrática da presença do ser como sujeito do seu conhecimento, como sujeito da sua educação" (FREIRE, 2002, p. 42).

Nessa compreensão se pode construir uma vida mais satisfeita, sem querer condicionar o outro, nem o transformar em objeto de manobra, podendo até desempenhar ações em conjunto e de forma harmoniosa. No livro "Pedagogia da Tolerância", nosso autor identifica o conceito de intolerância como "a incapacidade de conviver com o diferente" (FREIRE, 2013, p. 77). O que o próprio autor explica melhor.

O que é a intolerância? É a incapacidade de conviver com o diferente. Segundo, é a incapacidade de descobrir que o diferente é tão válido quanto nós ou às vezes melhor, em certos aspectos é mais competente. O que significa é que o diferente não é necessariamente inferior, não existe isso (FREIRE, 2013, p. 77).

Para Freire (2003, p. 23), "não haveria oprimidos, se não houvesse uma relação de violência que os conforma como violentados, numa situação objetiva de opressão". Os oprimidos se contentam, se amoldam e concordam com a violência a qual são tratados, não querem ver a realidade que os circunda de fato, são oprimidos pelos opressores. "Somente os oprimidos, libertando-se, podem libertar os opressores" (FREIRE, 2003, p. 24). Isto é, no instante que os oprimidos se libertarem, os opressores não existiram mais. "Para os opressores, o que vale é ter mais e cada vez mais, à custa, inclusive, do ter menos, ou nada ter dos oprimidos" (FREIRE, 2003, p. 25). No comentário do

pensamento de Freire, Medeiros (2013, p. 129) assevera que a Pedagogia Humanista do autor possui ainda como característica:

Um movimento de liberdade que surge a partir dos oprimidos, sendo a pedagogia realizada e concretizada com o povo na luta pela sua humanidade. É uma pedagogia de homens e mulheres que lutam num processo permanente pela sua libertação, pelo que tem necessariamente de ser feita com o povo através da reflexão sobre a opressão e suas causas, que gera uma ação transformadora, denominada por práxis libertadora (MEDEIROS, 2013, p. 129).

Portanto, de acordo com os aspectos mencionados no presente estudo, é missão do educador mostrar a viabilidade da esperança, segundo Paulo Freire, pois a liberdade do oprimido é uma questão de vontade. Para Freire, liberdade significa ser arquiteto de seu próprio destino ao ser o artífice de sua própria história, criando-a e recriando-a. No envolvimento, a autonomia viria como um processo paulatino e experienciado na concretude da vida, com tomadas de decisões esclarecidas, atestando intencionalidades, por isso, serem políticas, mas observando uma postura ética. "A libertação, por isto, é um parto. E um parto doloroso. O homem que nasce deste parto é um homem novo" (FREIRE, 2003, p. 19).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A liberdade do oprimido no pensamento de Freire é uma questão de vontade, pois enquanto a ação do oprimido for uma extensão do pensamento do opressor, não haver libertação. A autonomia seria um processo paulatino e experienciado no âmbito do vivido: a compreensão que a formação emancipadora traz ao indivíduo reflete em dialógicidade sobre o mundo das relações humanas. O compromisso do indivíduo é com o mundo em que vive percebendo, além dos conhecimentos científico-tecnológicos presentes e necessários à sociedade contemporânea, a exigência do aprender a ser humano com os propósitos ético, político e cidadão. Nesse sentido, enquanto arquiteto das próprias ações, a emancipação proporciona ao indivíduo a criação e recriação da história, entre outros, ajudado pelo processo formativo.

Por fim, com a ajuda do olhar do pensamento de Freire é possível intuir que no ambiente formativo das escolas brasileiras a educação problematizadora parece não se fazer presente. O docente que deveria construir o conhecimento com o seu aluno passa pela angústia de seguir um currículo imposto pelos sistemas de ensino, que não observa a realidade do discente. O professor prepara aula, pesquisa, mas o conteúdo não seduz o discente por estar distante de sua realidade concreta. Diante disso, se pode inferir que os sistemas de ensino de hoje insistem em propagar a opressão via imposições ao formador com um currículo formativo distante da vida real.

REFERÊNCIAS

- BEISIEGEL, C. R. *Paulo Freire*. (Coleção Educadores). Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Editora: Massangana, 2010. p. 79
- FREIRE, P. *Pedagogia da Tolerância*. Organização, apresentação e notas Ana M^a Araújo Freire. 2^a edição. editora: Paz e Terra, Rio de Janeiro, 2013. p. 39, 40, 47,77, 129.
- FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 27^a edição. Paz e Terra, 1996. p. 14, 32, 83, 101.
- FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 36^a edição. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 2003. p. 17, 19, 23, 24, 25, 29, 84, 86, 107.
- GADOTTI, M. *Convite à Leitura de Paulo Freire*. 2^a ed. São Paulo: Scipione, 2004. p. 59.
- MEDEIROS, A. Humanização Versus Desumanização: reflexões em torno da Pedagogia do Oprimido. *Revista Reflexões*, ano 2, n. 3, p. 127-137, jul./dez. 2013.

Recebido em: 10.09.2020
Aprovado em: 16.11.2020